

# Panorama

Editor: Igor Natusch  
igor@jornaldocomercio.com.br

## MÚSICA

# Vivendo o rock em todas as suas cores

Igor Natusch  
igor@jornaldocomercio.com.br

Sobreviver durante quatro décadas no universo muitas vezes hostil da música internacional é sempre algo a ser celebrado. No caso dos norte-americanos do Living Colour, a data ganha camadas extras de significado - afinal, estamos falando de um dos grupos pioneiros na mistura de rock pesado com estilos como jazz, funk e hip-hop, além de uma das primeiras bandas formadas exclusivamente por pessoas negras a conquistar sucesso no cenário do rock. Tendo sido o Brasil um dos primeiros lugares do mundo a abraçar a proposta da banda, nada mais natural do que trazer a festa para cá - e Porto Alegre será um dos lugares que terá a chance de assoprar as velinhas para essa instituição do rock mundial.

A apresentação da turnê *The Best of 40 Years* no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834) está marcada para esta quinta-feira, às 21h. Ainda há ingressos, a partir de R\$ 209,00, à venda no Sympla.

A conexão entre o Living Colour e o Brasil vem, de fato, de longa data. Qualquer um que estivesse atento ao cenário roqueiro na virada dos anos 1980 para os 1990 lembra bem da banda tocando nas rádios rock e nos programas musicais de televisão. “O Brasil nos deu apoio desde o começo”, lembra o baterista Will Calhoun em conversa com o **Jornal do Comércio**. “Mesmo antes de termos a chance de tocar no Brasil, vocês tinham a MTV e eles passavam nossos vídeos com frequência. Isso nos deu a oportunidade de sermos conhecidos pela base de fãs do Brasil, que é extremamente leal e que conhece muito sobre música”, anima-se.

A cena atual é, obviamente, muito diferente do que era quando a banda fez seus primeiros shows no Brasil, ainda no começo dos anos 1990. No entanto, a reputação do quarteto formado por Calhoun, Corey Glover (voz), Vernon Reid (guitarra) e Doug Wimbish (baixo) segue inabalada entre os fãs de rock pesado e alternativo - algo ainda mais forte quando se leva em

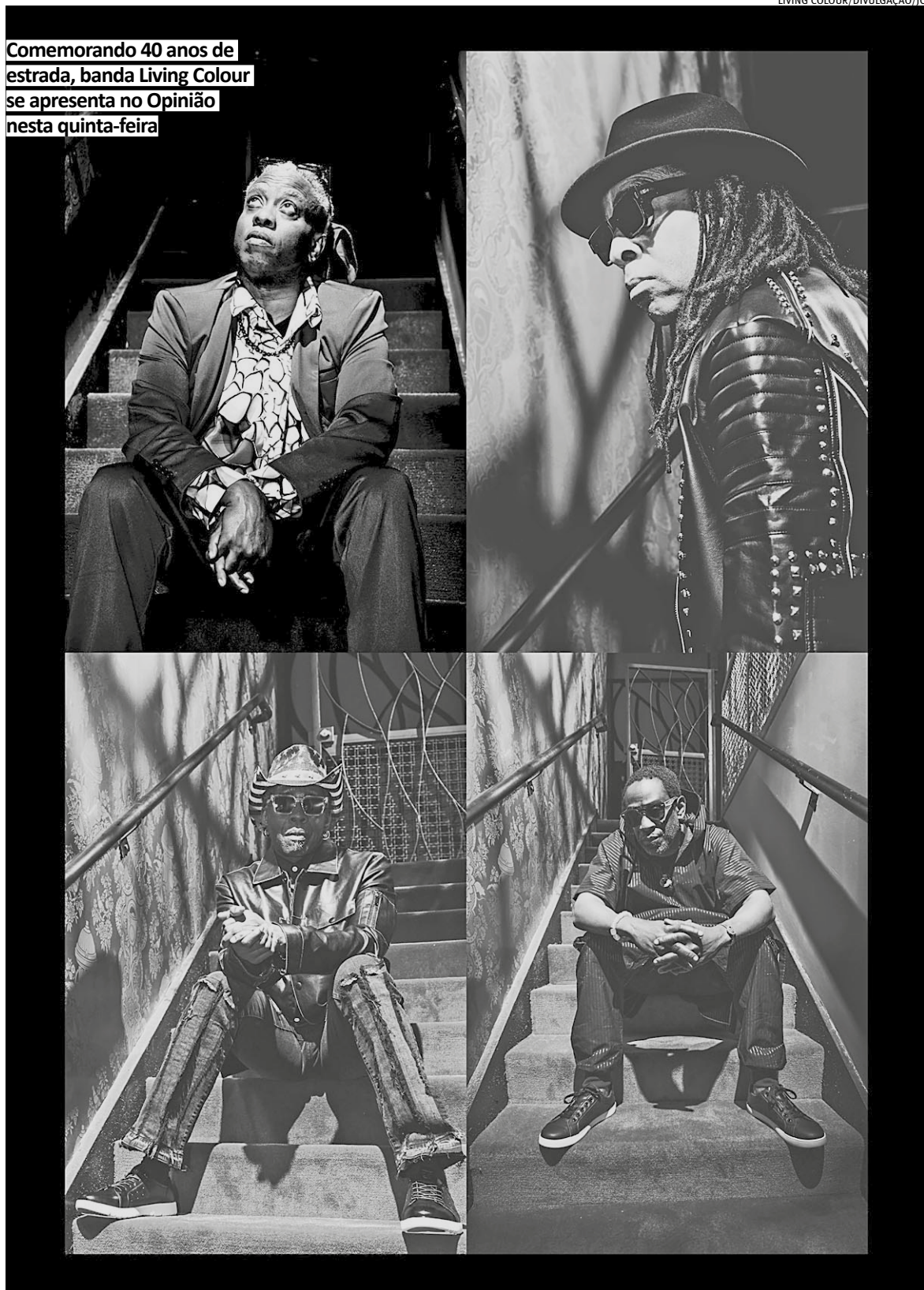
conta que os quatro tocam juntos, quase sem interrupções, há mais de 30 anos. “Uma das coisas que esses 40 anos realmente nos ensinaram é que, às vezes, você tem que saber sair do caminho e deixar a música acontecer. Uma vez que você consiga fazer isso, pode permanecer na mesma banda por cem anos ou mais”, pondera o baterista. “É como uma família. Você pode se irritar com seus pais, sua esposa ou seus irmãos, mas eles têm um papel a cumprir na sua vida, e se você deixar as emoções ficarem no caminho, isso vai criar problemas ainda maiores. Foi uma coisa que tivemos que ir aprendendo, para ser honesto com você. Isso não surge naturalmente.”

Ele se refere, mais especificamente, ao período entre 1995 e 2000, quando a banda (após não conseguir avançar com as gravações do que então seria seu quarto álbum de estúdio) optou por separar-se. O retorno, felizmente, deu certo - e trouxe lições importantes para os quatro músicos. “Quando retomamos nosso relacionamento musical, tivemos que colocar algumas coisas de lado. Nem tudo estava resolvido. Mas, quando estou no palco com esses três caras e começamos a tocar juntos, algo mágico acontece, algo que não existe do mesmo jeito em nenhum outro aspecto da minha vida e da minha carreira. É algo que precisa ser respeitado, e que eu fui aprendendo a valorizar”, admite Calhoun.

O resultado dessa maturidade é uma conexão “muito forte”, garante o baterista. “Quando estamos no palco, é como uma telepatia artística, algo quase espiritual. É indescritível, na verdade. Eu posso olhar para um dos caras na frente do palco e saber se ele está em um dia bom ou ruim, só de ver como seus ombros se movem ou como ele caminha no palco”, descreve. “E isso vem de horas e horas, dias e meses e anos tocando juntos. Uma quantidade enorme de confiança mútua surge a partir daí.”

Quem cresceu escutando clássicos como *Cult of Personality*, *Glamour Boys*, *Type* e *Open Letter (To a Landlord)* sabe que o elemento crítico e o comentário social sem-

Comemorando 40 anos de estrada, banda Living Colour se apresenta no Opinião nesta quinta-feira



pre foram características fortes da banda - e a verdade é que, décadas depois, essas músicas ainda soam não apenas frescas, mas profundamente atuais. “É uma sensação boa e um pouco triste ao mesmo tempo”, admite o músico. “É ótimo sentir que fazemos música honesta e falamos sobre coisas que afetam as pessoas, mas é triste que ainda estejamos tendo as mesmas conversas sobre raça, sexo, gentrificação, guerra e todas essas coisas”, acrescenta.

Se algumas coisas no mundo, infelizmente, parecem nunca mudar, o mesmo não pode ser dito da cena musical. Hoje em dia, manter uma banda na estrada envolve desafios muitos diferentes do que os que o Living Colour encarou na escalada para o topo - e a tarefa, mesmo para quem já conhece os cami-

nhos, está longe de ser simples. “É um jogo diferente. Nos anos 1980 e 1990, as gravadoras ditavam toda a dinâmica da sua carreira. Eram como uma pista, pela qual os artistas faziam seu caminho. A tecnologia digital, com os *streamings* e os *downloads* gratuitos, acabou com tudo isso”, explica. “Por outro lado, agora você pode se conectar de forma muito mais direta com seu público - o que é mais trabalho, menos dinheiro, mas te dá 100% de controle artístico. E isso é algo com que a maioria dos nossos heróis não podiam sequer sonhar enquanto estavam construindo suas carreiras.”

E qual será o caminho para criar música honesta e original, em um cenário onde os *views* e *likes* substituem a venda de discos e as tecnologias de Inteligência Ar-

tificial podem compor discos inteiros (ainda que não necessariamente bons) em questão de minutos? “No fundo, você precisa se agarrar ao que você realmente ama fazer, achar o seu nicho e ir crescendo a partir daí”, opina Will Calhoun, com a experiência de mais de 40 anos em uma série de projetos musicais. “Se você quiser soar como outra banda qualquer e se ajustar ao que o mercado deseja, ótimo. Certamente, quando eu era mais jovem, se eu quisesse tocar bateria em uma banda pop ou *disco* qualquer, eu certamente teria feito bem mais dinheiro do que fiz. Mas eu não trocaria as coisas que fiz por nada disso. Há muitas formas de vender a alma, mas eu não sou capaz de seguir nenhuma delas, porque eu gosto de dormir tranquilo à noite”, complementa.

LIVING COLOUR/DIVULGAÇÃO/IC